

# Mineiros ainda estão indecisos

**Minas já esteve com Brizola, passou por Lula e agora torce por Collor. Por enquanto...**

**CARMO CHAGAS**

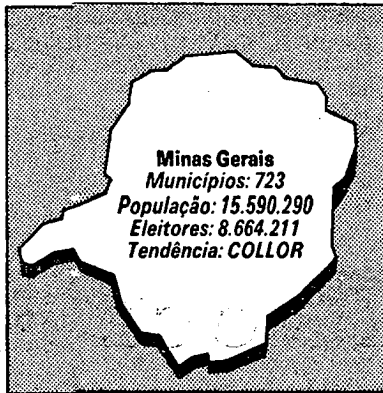
**BELO HORIZONTE** — Até fevereiro, entrando por março, Minas parecia estar com Brizola. De março para abril, a agulha da bússola eleitoral mineira tremelicou na direção de Lula. Desde o início de maio, porém, vem apontando mais para a direita, insistentemente, para Collor.

Políticos, jornalistas e cientistas políticos de Minas sustentam que essa inconstância confirma que o eleitor mineiro está procurando em quem votar — podendo até repetir o do Rio, em 1982, que só na penúltima semana se definiu por Brizola para governador, ou o da Capital paulista, em 1988, que apenas na antevéspera da eleição resolveu votar em Erundina.

Era de se esperar que Minas desde logo denotasse predileção pelo único candidato mineiro, Aureliano Chaves — os cálculos dos aurelianistas, por sinal, são de que ele atraia mais de metade dos nove milhões de votos do Estado. A partir dessa base mi-

neira, Aureliano cresceria pelo resto do País. A realidade, porém, é que o eleitorado mineiro espera que Aureliano cresça primeira fora de Minas para, então, o apoiar em seu terreiro.

Era de se esperar, igualmente, que o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, tivesse chances mínimas, porque o partido caiu feio nas eleições do



ano passado (quarto lugar em Belo Horizonte) e o “efeito Newton Cardoso” seria devastador, deletério.

Mas não é bem assim. Embora caindo, o PMDB foi o único partido a disputar em todos os 723 municípios mineiros e venceu em 306 deles. No interior, muitos chefes políticos estão descontentes com a candidatura de Ulysses, mas não se regis-

tra nenhuma debandada no partido.

Quanto ao “efeito Newton”, localiza-se no Centro e no Sul de Minas. No Norte, porém, o governador, por onde passa, é chamado carinhosamente de Newtão. Isso porque ele concentrou a ação de seu governo no Norte, abandonando o Centro e o Sul. Como resultado, Newton se desgastou perante cerca de 70% do eleitorado, mas sobram 30% e toda uma região onde seria proveitoso, para Ulysses Guimarães, contar com o governador nos palanques. Se ele conseguisse a companhia do ex-governador Hélio Garcia no resto do Estado, aí, sim, faria belíssima colheita.

A verdade, no momento, é que os mineiros ainda não cravaram um nome. Estiveram com Brizola e com Lula. Podem voltar a um deles. Parecem estar agora com Collor. Mas podem cair por Ulysses ou Aureliano. No rico Triângulo Mineiro, há uma forte tendência por Ronaldo Caiado. Noutras regiões, como a capital, circula discretamente, mas sem antipatias, o nome de Mário Covas, companheiro do prefeito Pimenta da Veiga no PSDB.

O eleitorado de Minas Gerais, em suma, anda “mineiro” como nunca. Ou como sempre.